

## O FEMININO EM *ALBERGUE DAS MULHERES TRISTES* (2006), DE MARCELA SERRANO

Gracielli Brites de Souza (PG/UEMS)<sup>1</sup>

Zélia R. Nolasco dos S. Freire (UEMS)<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo é resultado do projeto de pesquisa que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e reflete parte das atividades de leitura e análise desenvolvidas até o momento. Dentre os objetivos deste projeto, destacam-se questões referentes ao universo feminino reproduzido e representado na obra “Albergue das Mulheres Tristes” de Marcela Serrano. A preocupação que norteia as leituras e análises sobre o tema guarda estrita relação com a maneira como foram criados os estereótipos sobre o feminino que, apesar da passagem inexorável do tempo, insistem em continuar exercendo sua influência nociva nas mentalidades de homens e mulheres do século XXI, plasmando de forma contundente os comportamentos sociais entre homens e mulheres. São muitas e diversas as contribuições teóricas que perpassam pelo texto, especialmente de matriz feminista, a exemplo das obras de, Simone de Beauvoir, Virgínia Woolf, Naomi Wolf, Kate Millet, Françoise Héritier, Bell Hooks e Judith Butler, para citar algumas. Desse modo, perpassam pelo artigo concepções teóricas que têm no feminismo suas principais preocupações, bem como a busca de informações (históricas, antropológicas e sociológicas) que possam dar explicações, ainda que provisórias, a respeito dos constructos socioculturais que envolvem as concepções acerca do feminino. *O Albergue das Mulheres Tristes* (2006), da escritora chilena Marcela Serrano, é a obra selecionada como objeto desta pesquisa, que tem como objetivo analisar a representatividade do feminino tanto na literatura quanto na sociedade. Pautando-se nas correntes teórico-críticas literárias e feministas dos séculos XX e XXI, sob a denominação de primeira, segunda e terceira onda e escritas por mulheres que contribuíram para quebra de estereótipos criados em torno da representatividade feminina, problematizando tais impasses que vão desde a preocupação com o gênero de autoria até o uso do gênero como categoria de análise.

**Palavras-chave:** Marcela Serrano. Literatura. Feminismo.

---

<sup>1</sup> Gracielli Brites de Souza, aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Acadêmico, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Campo Grande(MS). E-mail: [gra.brites@hotmail.com](mailto:gra.brites@hotmail.com)

<sup>2</sup> Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zélia Nolasco, Doutora em Letras pela UNESP/Câmpus de Assis/SP, ministra aulas na Graduação e na Pós-Graduação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: [zelianolasco@uems.br](mailto:zelianolasco@uems.br)

## INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto apresentado por Antônio Candido, grande estudioso da literatura mundial em sua obra intitulada *Literatura e Sociedade* umas das características primordiais da literatura é a que a inscreve como documento e registro da vida em sociedade.

Marcela Serrano é uma escritora chilena, nascida em 1951, na Cidade de Santiago, no Chile. Estreou nas letras em 1991, com a obra *Nosotras que nos queremos tanto*, com a qual recebeu o Prêmio Sor Juana Inez de la Cruz. Além de romances, escreveu também contos. Suas narrativas problematizam questões ligadas ao feminino contemporâneo a partir das relações de gênero de suas protagonistas.

Nesse sentido, verificar-se-á na obra *O Albergue das mulheres tristes* (2006) as configurações diante da identidade feminina, é possível destacar as personagens que são marcadas por discursos que retratam a independência e a insubordinação das mulheres na sociedade contemporânea, refletindo a solidão e sofrimento. Embora tenham garantido espaço em relação ao mercado de trabalho e o direito à sexualidade, encontram a necessidade de reunir-se com mulheres que passam pelos mesmos problemas para discutir questões relacionadas à construção da identidade feminina e às desigualdades de gênero.

O romance *Albergue das mulheres tristes* nos remete aos grupos de consciência do feminismo de Segunda Onda, a partir da década de 1960 quando, ainda em meio à ditadura, as mulheres sul-americanas se ajudavam mutuamente, tematizando suas vidas particulares; apesar dessas mulheres serem consideradas independentes, carregavam marcas por viverem em uma sociedade patriarcal e capitalista.

De acordo com Simone de Beauvoir (1980), filósofa, escritora e ativista feminista de grande influência do feminismo moderno, historicamente, nas sociedades humanas, sempre coube às mulheres o papel de conceber e cuidar dos seus rebentos durante boa parte de sua infância. Muitas vezes, essas mulheres não têm o apoio (afetivo, econômico) dos seus respectivos companheiros e, em razão disso, acabam por ter de assumir toda a responsabilidade pela criação dos filhos. Mesmo aquelas que têm nos seus parceiros alguma ajuda, veem-se premidas pela ideologia androcêntrica e subjugadas à dependência dos seus cônjuges, tornando-se servas em seus próprios lares.

A filósofa contemporânea, ativista feminista e professora Silvia Federici (2017), de origem italiana, mas radicada nos Estados Unidos, explica que após algumas revoluções e manifestações de movimentos feministas espalhados pelo Ocidente, passaram os ataques às “bruxas”<sup>3</sup>, que eram as mulheres que se rebelavam contra o sistema ou que sabiam lidar com ervas ou com a Ciência (FEDERICI, 2017).

Segundo a pesquisadora Elaine Showalter, em seu texto *A crítica feminista no território selvagem* (1994), pouco a pouco, o tema da luta por igualdade – no qual a mulher figura como um ser independente e importante, nascido nos embates fervorosos do feminismo –, fez com que a mulher ganhasse seu espaço na literatura, na crítica literária e na pesquisa científica, tanto como produtora do saber, como protagonista dos estudos: a mulher como a personagem principal do romance e também como a estudiosa do papel da mulher na literatura e na sociedade. Levando em consideração tal protagonismo feminino, pode-se analisar a obra de Marcela Serrano, notadamente *O albergue das*

---

<sup>3</sup> Sobre o tema, consulte KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras* (Malleus maleficarum) Edição de Rose Marie Muraro: Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2020. O livro retrata a perseguição a que foram submetidas as mulheres consideradas como bruxas, um verdadeiro manual do inquisidor e uma das páginas mais odientas do Cristianismo.

*mulheres tristes*, que como diversas outras autoras, faz parte dessa geração de autoras influenciadas pela teoria crítica feminista.

## CONSTRUÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

Este estudo pauta-se nas discussões apresentadas em torno do Feminismo, enquanto conceito e suas manifestações e contribuições aos estudos literários. É importante, sobretudo, ressaltar a historicidade da figura feminina na sociedade e o desenvolvimento de seu papel nos contextos sociais para compreender as principais perspectivas da crítica feminista.

Elaine Showalter, na década de 70, pesquisou a crescente preocupação e estudos ligados à representatividade feminina e à mulher como escritora de *ginocrítica*<sup>4</sup>, *crítica feminista* e, também, como leitoras e estabeleceu um novo parâmetro de estudo ligado à mulher. “O conceito de gênero foi um dos mais marcantes dentro das ciências humanas e das letras na década de 80”, afirma Showalter (1994, p. 44). De acordo com professora e pesquisadora Jacicarla Souza da Silva (2008), no seu *artigo Panorama da crítica feminista: tendências e perspectivas*, o conceito de gênero foi logo utilizado pela crítica literária feminista, cujo principal objetivo era se esquivar de ambiguidade contida no conceito de identidade feminina e *lugar da diferença* (SILVA, 2008).

Ainda em relação à teoria ginocrítica, é necessário dizer que tal abordagem não se caracteriza pela diferença irreconciliável com o conceito de crítica feminista, já que – em sua essência – a ginocrítica não busca a retificação da produção literária masculina em proveito de produção estritamente feminina. Para Elaine Showalter (1994), a ginocrítica tem como propósito a reestruturação das diferenças que emergem das (e nas) ideologias social e culturalmente engendradas; bem como por meio das múltiplas vivências pessoais e pelas formas de expressão que se convencionou denominar de feminino.

O termo Feminismo, empregado com sentido de emancipação da mulher, foi fortemente utilizado na Europa a partir de 1880. Karen Offen Hubertine Auclert teria sido uma das pioneiras a intitular-se como *feminista*, tendo manifestado sua opinião em seu periódico *La citoyenne*, no ano de 1882, em um congresso. De acordo com a pesquisadora Jacicarla Souza da Silva (2008), no seu *artigo Panorama da crítica feminista: tendência e perspectivas*, o termo Feminismo logo se espalhou por toda a Europa.

Inicialmente, pode-se refletir na influência patriarcal para a criação de estereótipos acerca das “funções femininas”, os quais, preconceituosamente, determinaram – e ainda determinam – os espaços destinados às mulheres. Embora seja ultrapassada a noção de um patriarcado<sup>5</sup> que a tudo influencia, posto que essa noção é apresentada pela teórica Judith Butler em sua obra (1990) “has been widely criticized in recent years for its failure to account for the working of gender oppression in the concrete cultural contexts in which it exists<sup>6</sup>” (BUTLER, 1990, p. 3), ainda é possível notar sua presença em esferas familiares, em homens e até mulheres, heranças de um sistema colonial, excludente e machista, como alertam Martha Giudice Narvaz e Sílvia Helena Koller (2006), no seu *artigo Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa*, e Heleieth Saffioti

<sup>4</sup> Ginocrítica pode ser definida como uma teoria feminista cuja inspiração teve origem nos contextos socioculturais anglo-americanas. Essa teoria tem como premissa a noção de que as mulheres, em razão de forças socioculturais e psicológicas, possuem dinâmicas processuais de leitura e escrita diversas das dos homens. Isso se daria devido às muitas diferenças físico-lógicas e dos processos de constituição das estruturas culturais de gênero enquanto categoria.

<sup>5</sup> Sobre o tema, veja LERNER, Gerda. *La creación del patriarcado*. Espanha: NOVAGRÁFIK, 1986.

<sup>6</sup> “Tem sido amplamente criticado nos últimos anos por sua falha em explicar o funcionamento da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que existe” (BUTLER, 1990, p. 3; **Tradução nossa**)

(2009), no seu texto *Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres* (NARVAZ; KOLLER, 2006; SAFFIOTI, 2009).

Silvia Federici<sup>7</sup> (2017), historiadora e autora do livro *Calibã e a Bruxa, mulheres, corpo e a acumulação primitiva*, aborda em sua obra a imagem e a representação estereotipada de mulheres. Para Federici, diversas formas de enquadramento feminino se formaram acerca da ruptura do sistema europeu – feudalismo – e início do capitalismo.

Nesse ponto, a intenção é levantar uma hipótese da criação de “estereótipos” de gênero, uma vez que, por meio deles, também se inferioriza e se delimitam espaços. A propósito da criação de estereótipos de gênero, a antropóloga e feminista francesa Françoise Heritier, em entrevista concedida à revista francesa ESPRIT, em 2001, defende que as mulheres na sociedade pré-agrícola eram tão fortes fisicamente quanto os homens, tendo musculatura e aparelho respiratório com iguais capacidades, ainda que com diferenças significativas de características fisiológicas e morfofuncionais de homens e mulheres (HERITIER, 2001). Com os estereótipos, e a designação de atividades específicas às mulheres na divisão do trabalho, construiu-se a propalada noção de sexo frágil atribuída às mulheres ao longo da história.

A jornalista, escritora e militante marxista brasileira Zuleika Alambert, em sua obra intitulada *Feminismo: o ponto de vista marxista (1986)*, afirma – em relação à inferiorização e incapacitação das mulheres – que se trata de um processo historicamente construído, conforme podemos verificar no trecho em destaque:

A inferioridade e incapacidade das mulheres foram sendo adquiridas com o seu encerramento no lar, paralelamente, e uma dependência sexual agravada. Com o passar dos milênios e a estruturação das sociedades de classe, a divisão dos papéis se solidificou. Passou a ser acompanhada de um trabalho ideológico que tende a racionalizar e a justificar a inferioridade das mulheres, sua segregação, e que encontra sua expressão nos mitos dos povos primitivos. [...] uma constante permanece: a inferioridade das mulheres, seu confinamento nos papéis tradicionais (ALAMBERT, 1986, p. 94).

Essa dura realidade ainda permeia a sociedade ocidental, haja vista que em pleno século XXI as mulheres continuam a ser injustiçadas no que diz respeito à contrapartida remuneratória pela execução de atividades profissionais de igual natureza. Somam-se a esses fatos as obrigações – que ainda se acreditam ser somente das mulheres – pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar.

A teórica Sílvia Federici, em sua obra: *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017), que analisa sob a perspectiva de entrelaçamento entre o capitalismo e o patriarcado, nos aponta um caminho possível, já que é uma análise de uma feminista. Com o surgimento de estereótipos predeterminados por uma sociedade patriarcal, o gênero feminino torna-se inferior e subordinado ao masculino. O aspecto que reforça esse discurso são as questões do sistema capitalista. Desse modo, a historiadora, aponta para as diversas formas de enclausuramento da mulher.

De acordo com Federici (2017), à mulher foi atribuído o dever social, de gerar filhos, ser mãe, ser dona de casa e zelar pelos filhos e marido, sendo, este último, aquele que trabalha fora e sustenta a família. À mulher era destinado o papel de ser submissa a este marido/homem que a sustentava. Dessa forma, o sistema capitalista designou às mulheres “funções femininas” como mão de obra gratuita, exercendo atividades não remuneradas e exclusivas para a própria família. Havia,

---

<sup>5</sup> Professora emérita da Universidade Hofstra em Nova York. Escritora e ativista feminista italiana. Natural de Parma Itália (1942), reside nos Estados Unidos.

obviamente, mulheres que não aceitavam tais papéis e hierarquias sociais. Sendo que muitas foram perseguidas, aprisionadas e outras tantas mortas.

Segundo Federici (2017), a caça às bruxas, por exemplo, tornou-se uma forma de intimidar as mulheres que estavam à frente de seu tempo ou que não aceitavam as funções femininas estabelecidas na época. Isto posto, pode-se afirmar que essa mentalidade ainda assombra as mulheres, e é com base nisso que, no desenvolver desta pesquisa, discute-se como as consequências de tais engessamentos chegam à sociedade.

Federici (2017), também afirma que esse projeto de caça às bruxas tinha como objetivo anular o domínio que as mulheres dispunham no controle de seu corpo e funções reprodutivas. O que incentivava o desenvolvimento de uma sociedade patriarcal e criava representações e estereótipos atrelados aos comportamentos e características do gênero feminino. Portanto, esses estereótipos de gênero (a mulher recatada e do lar) ainda presentes em muitas vivências, perpetuam-se na própria divisão de trabalho e de espaços, limitando-as aos espaços marginalizados e preestabelecidos por um ser dominante.

Ao levantar este ponto, pode-se constatar que a lógica em estabelecer funções tão limitadas às mulheres, fez do homem a figura do defensor de sua nação, aquele que pode se encher de glória pelos feitos heroicos nas guerras e em suas profissões enquanto as mulheres permanecem engessadas, pois socialmente devem ocupar, apenas e exclusivamente, os lugares domésticos.

## O FEMINISMO NA LITERATURA

As relações entre sexos, como explicam as feministas teóricas Françoise Heritier (2001) e Kate Millet (1970), respectivamente em seus textos *Privilège de la féminité et domination masculine: Entretien avec* in *Esprit*; e *Sexual Politics*, são estabelecidas por ordem política e poder como podemos perceber ao longo da história, onde a mulher foi subjugada e predestinada ao espaço do lar. Com o surgimento do termo Feminismo, que emerge, conforme as informações das pesquisadoras Ana Alice Alcântara Costa e Cecilia Maria Sardenberg no texto *O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva*: “em fins do século XVIII e toma corpo no século XIX, na maioria dos países europeus e nos Estados Unidos” (COSTA E SARDENBERG, 2008, p. 25).

No meio acadêmico e na literatura, ensinam as pesquisadoras Rita Felski (2003), Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979), que os estudos de gênero tiveram início na década de 1960. Lúcia Osana Zolin (2009), professora e pesquisadora, informa que os estudos de gênero tiveram início na década de 1960. Desde então, “com o desenvolvimento do pensamento feminista, a mulher vem se tornando objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, como a Sociologia, Psicanálise, a História e a Antropologia” (ZOLIN, 2009, p. 181); e também nos campos da crítica literária e da literatura, tem tido amplo destaque.

De acordo com Françoise Heritier (2001), Elaine Showalter (1994) e Lúcia Osana Zolin (2009), o grande marco da crítica feminista se deu na década de 70, com a publicação, nos Estados Unidos, da tese de doutorado de Kate Millett, com o título *Sexual Politics*, na qual sua principal ideia era estudar e questionar a “prática patriarcal no meio acadêmico”. Em *Sexual Politics*, Kate Millet (1970) apresenta argumentos e apontamentos que consistiam na experiência da mulher como leitora e escritora, diante de um mundo caracterizado pelo androcentrismo.

Com o desenvolvimento de estudos mais aprofundados, vários fatores e estereótipos foram sendo observados, notadamente aqueles relacionados à posição da mulher dentro da literatura. Inicia-se, então, fortemente marcado pelo antagonismo, um processo de recriação e ponderação da produção

literária feminina; processo este que ficou conhecido como constituinte da segunda fase da crítica feminista, cognominada de *ginocrítica*, conceito alcunhado por Showalter (1994), que objetivava, segundo a interpretação dos pesquisadores Felipe Monteiro de Oliveira e Nícea Helena de Almeida Nogueira no artigo *Contos de Alice Munro sob a lente da ginocrítica*,

[...] encontrar uma representação da subjetividade feminina, através de uma leitura feminista de textos, considerando imagens, estereótipos, omissões e falsos juízos sobre as mulheres na literatura. Tentou sair de um contexto marginalizado e adentrar um território estrangeiro identificando a mulher-signo nos sistemas semióticos para reclamar o seu lugar (OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2020, p. 44).

Pode-se perceber características nas escritas masculinas que inferiorizavam a mulher ou até mesmo determinavam seu papel a ser desenvolvido no enredo. Estudos acerca de textos literários canônicos, empreendidos por autoras como Judith Butler (1990), Joan Wallach Scott (1988) e Marilyn Strathern (1988) apontavam a diferenciação entre gêneros.

No que tange às precursoras da representação de questões de gênero e suas especificidades na literatura, a ensaísta inglesa Virginia Woolf (1882-1941), revolucionando técnicas narrativas, como o monólogo interior e trazendo a consciência da mulher em relação a sua representatividade, é uma das expoentes principais. Woolf trouxe um novo olhar ao tema relacionado à mulher, sua escrita e sua presença na literatura, fazendo apontamentos a respeito da diferenciação e preconceitos e, até mesmo, da discriminação que a mulher sofria ao tentar se tornar escritora.

Como a construção do sujeito escritor se torna prejudicada quando se é mulher – encontrando diversas barreiras – ao contrário do homem, segundo a autora, no seu livro intitulado *Room of One's*, (traduzido para o nosso idioma como *Um teto todo seu*), sua ideia principal parte da necessidade de independência da mulher: “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” (WOOLF, 2014, p. 159). Misturando a ficção com a realidade de maneira magistral, a autora ressalta em sua obra as características, tanto comportamentais quanto sociais a respeito da mulher escritora que, segundo ela, precisaria tanto de um lugar sossegado para conseguir escrever, quanto da garantia de uma renda, ressaltando a pobreza na qual a figura feminina foi condicionada (WOOLF, 2014).

Elaine Showalter, na década de 70, pesquisou a crescente preocupação e estudos ligados à representatividade feminina e à mulher como escritora de *ginocrítica*, *crítica feminista* e, também, como leitoras, e estabeleceu um novo parâmetro de estudo ligado à mulher. “O conceito de gênero, foi uma das mais marcantes dentro das ciências humanas e das letras na década de 80” (SHOWALTER, 1994, p. 44) e foi logo utilizado pela crítica literária feminista, cujo principal objetivo era se esquivar de ambiguidade contida no conceito de identidade feminina e *lugar da diferença* (SILVA, 2008).

Showalter (1994) elenca duas formas de crítica feminista, identificando na primeira delas a mulher como leitora, uma espécie de sujeito que se apropria do que é produzido sobre ele. Contudo, Showalter tece crítica à literatura produzida neste período, no qual existe, para Showalter, a reprodução de estereótipos sobre as mulheres por meio das personagens apresentadas à época.

A segunda forma de crítica feminista, no que tange à produção literária, repousa nas produções que têm na mulher seu artífice por excelência, isto é, a mulher como escritora. É essa segunda vertente que ficou conhecida como *ginocrítica*, em que a preocupação se volta para a pesquisa histórica, para as questões atinentes a estilo, gênero e base estruturante da produção literária levada a cabo por

mulheres. Nas palavras de Showalter, a ginocrítica tem por objetivo o exame sobre “a psicodinâmica da criatividade feminina; a trajetória da carreira feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres” (SHOWALTER, 1994, p. 29)

Segundo a pesquisadora e professora Rita Terezinha Schmidt, no seu artigo *Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira(ano??)*, os conceitos de gênero e de crítica feminista são encontrados em duas correntes: a crítica feminista francesa e a anglo-americana que se dedica em uma definição feminina partindo *da diferença e da identidade feminina*, de preceitos primordiais como a luta contra o patriarcado e suas instituições dominantes. Tais correntes trabalham com as principais ideias de denunciar a “ideologia patriarcal que permeia a crítica tradicional e canônica”, se aprofundando em estudos históricos e arqueológicos, buscando o resgate das obras que foram excluídas da história da literatura.

Enquanto o feminismo, ou a teoria feminista, consolidavam-se na Europa e nos Estados Unidos, tendo como expoentes nomes como Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Kate Millett, Carol Hanisch, Betty Friedan, Julia Kristeva, Luce Irigaray, Bracha Ettinger e Hélène Cixous, aqui na América do Sul, preponderava uma aura de completa insegurança quanto às propaladas concepções culturais e políticas de matriz norte-americana e europeia. Tal desconfiança se devia ao fato de que “as ideias não eram bem recebidas pela sociedade patriarcal, pelo fato de apresentarem tendências feministas.”, analisam os pesquisadores Bruno Brizotto e Teresinha Bertussi (2013, p. 158).

A propósito das vertentes da teoria feminista na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, Elaine Showalter (1994) explica que as teorizações tinham focos diferentes de análise e abordagens teóricas divergentes, em alguns pontos, e convergentes, em outros.

O argumento de Lúcia Osana Zolin (2009) baseia-se teoricamente nas concepções teóricas de Simone de Beauvoir, notadamente a partir da leitura de *O segundo sexo* (1970). Nessa obra, Beauvoir (1970), apresenta a condição das mulheres como de aprisionamento, na qual as mulheres são inferiorizadas pelos constructos socioculturais androcêntricos e transformadas no Outro absoluto. O problema é que esse Outro absoluto, construído a partir da perspectiva anglo-americana, criticado por Zolin (2009), é engendrado e mantido tendo como estrutura fundante as concepções das sociedades ocidentais patriarcais. Nessas sociedades, as mulheres são sempre representadas tendo como ponto fulcral as diferenças biológicas, estratégia androcêntrica para justificar o espaço secundário relegados às mulheres na vida social.

Helène Cixous (dramaturga, poetisa e crítica literária francesa) e Julia Kristeva (filósofa, escritora, crítica literária, psicanalista, teórica feminista búlgaro-francesa) são duas das representantes da teoria feminista francesa. Valendo-se de estudos na área da Psicanálise, Helène Cixous e Julia Kristeva reuniram argumentos para desmistificar a discriminação do sexo feminino, trazendo apontamentos relacionados aos gêneros masculino e feminino e sua dualidade no campo social. Para o psicólogo e pesquisador Rafael Kalaf Cossi (2020), em seu artigo *Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação*, discutindo os aspectos teóricos que alicerçaram o feminismo francês, o foco de suas teorias repousava na ressignificação das perspectivas de Derrida e Lacan, pioneiros em relação ao método de análise estruturalista, desconstruindo a lógica binária proposta por eles que definiam seus conceitos de *différance* e de imaginário, buscando investigar a ligação existente entre sexualidade e linguagem.

### **O ALBERGUE DAS MULHERES TRISTES (2006)**

O livro *O Albergue das mulheres tristes* (2006) de Serrano, tem como protagonista Floreana Fabres, uma historiadora que, a pretexto de se isolar na tentativa de reencontrar-se emocional e espiritualmente, depois de passar por uma tragédia familiar, a morte da irmã em consequência de um câncer, encerra-se por algum tempo em um albergue só para mulheres. A narrativa do romance evoca sentimentos universais e as tramas socioafetivas e culturais que permeiam as relações humanas, tendo na convergência (e divergência) das relações de gênero o ponto fulcral de sua prosa literária.

Em o *Albergue das mulheres tristes* transparece a luta empreendida pelas mulheres em busca de igualdade, deixando a descoberto as transformações histórico-revolucionárias havidas nas relações heteronormativas ao longo da história da humanidade. Algumas das personagens são mulheres bem-sucedidas em suas profissões; mas infelizes, tristes, em razão das condições socialmente impostas às suas ações pelo domínio masculino, ao qual se insurgem. Outras personagens estão na margem oposta dessa noção de sucesso profissional, posto que exercem atividades laborais e profissionais de status social não reconhecidos como relevantes. Não obstante essas diferenças, tanto as bem-sucedidas quanto às não bem-sucedidas, por assim dizer, têm de enfrentar, à sua maneira, o preconceito que sofrem em razão da sua condição de gênero (SERRANO, 2006).

A tristeza é uma constante nas falas e ações das personagens, como ilustram os seguintes excertos: “Tienes mujeres muy destacadas aquí!”, diz Floreana a Helena, ao que esta responde de pronto: “– No es raro, suelen ser las que están más tristes”; “Vas a ser feliz aquí, Floreana – Muy feliz” diz Angelita a Floreana. “Si es que se pude ser feliz en alguna parte”, acrescenta Toña “con ese dejo de cinismo”. “Y tú, Floreana, ¿qué haces cuando no estás triste?” (SERRANO, 2006, p. 19; 26; 27, grifo meu), pergunta Angelita a Floreana a certa altura do romance.

Em *O albergue das mulheres tristes* (2006), Serrano retrata as dores de mulheres que mesmo tendo conquistado autonomia em vários segmentos sociais sofrem o preconceito androcêntrico, que, salvo melhor interpretação, diante das “supermulheres”, funciona como um mecanismo de defesa para disfarçar a insegurança diante de tal autonomia feminina. Um exemplo dessa insegurança é apresentado no quinto capítulo do romance, quando Toña, apesar de ter se tornado uma celebridade de sucesso, demonstra sua insatisfação com os homens do seu convívio social e profissional, que se mostram amedrontados em relação à igualdade imposta. Aqui, recuperam-se as contribuições de Kate Millet (1970) acerca da influência do poder patriarcal no ordenamento sociopolítico de gênero da sociedade contemporânea.

Kate Millet (1970), teórica e ativista feminista, demonstra que historicamente o macho foi concebido como aquele que tem poder sobre as fêmeas, e essa construção enraíza-se ainda na mentalidade masculina do homem moderno, mesmo que de forma inconsciente, determinando e condicionando seu comportamento em face das mulheres que, quando não se *acomodam* aos papéis a elas destinados, suscitam sentimentos com os quais os homens não sabem lidar.

O poder que os homens detinham sobre as mulheres abrangia todas as esferas da vida (religiosa, política e socioeconômica) Então, na contemporaneidade, os homens, acostumados ao poder político e à dominação ideológica, sentem-se ameaçados e inseguros diante das “supermulheres”, posto que elas representam uma perspectiva à qual eles não estão acostumados: à da igualdade entre mulheres e homens, segundo as interpretações da teórica e ativista feminista Kate Millet (1970).

Mesmo que o livro *O Albergue das Mulheres tristes* não seja declaradamente um livro feminista, pode-se constatar em suas personagens o desejo de pertença, sendo altamente político ao



apresentar mulheres que não aceitam a subjugação imposta pelo modelo de sociedade patriarcal vigente. Percebe-se, então, que mesmo diante de um novo quadro social, ainda se encontram características da luta feminista por igualdade. No diálogo entre Elena, a terapeuta fundadora do albergue, e Floreana Fabres, uma historiadora, temos o seguinte trecho:

- Es que las mujeres, Floreana – dice Elena mientras caminan hacia el Pueblo –, ya no quieren ser madres de sus hombres... y tampoco quieren ser sus hijas.
- ¿ Y qué quieren ser?
- Pares. Aspiran a construir relaciones de igualdad que sean compatibles con el afecto (SERRANO, 2006, p. 33).

Conforme podemos observar, as personagens de Serrano (2006), na obra *O albergue das mulheres tristes*, explicitam a reivindicação de sua liberdade e de igualdade, representando o sentimento compartilhado pelas mulheres na vida cotidiana. Essa mesma reivindicação é percebida por Simone Beauvoir (1970), quando as mulheres reivindicavam na década de 1970, “serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade” (BEAUVOIR, 1970, p.86).

A personagem Toña París é parte desse mecanismo de ilusão de pertença, que faz com que muitas mulheres queiram ser – ou aparentar ser – como ela, aquiescendo de forma irrefletida com a exploração de corpos e mentes pelo sistema capitalista vigente. Contudo, a busca de pertença, ainda que ilusória, não se dá de maneira impune, já que sofrem, como a personagem Toña París, em razão da crueldade a que são expostas pela indústria cinematográfica, conforme a ativista feminista e jornalista estadunidense Naomi Wolf (2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade patriarcal, Serrano nos apresenta um romance ficcional altamente feminista, tratando de questões femininas caras à contemporaneidade. Suas personagens femininas são mulheres que não se calam diante de uma sociedade estruturalmente comandada por homens. Hoje, com o feminismo em voga, muito se tem discutido sobre as transformações sociais a respeito da representatividade feminina. Pode-se notar no romance esse desejo de pertencimento encontrado nas personagens, mulheres tidas como “Super Mulheres”, nomenclatura utilizada por uma figura masculina dentro da obra. Mesmo diante das suas conquistas emancipatórias, as personagens são apresentadas como mulheres que carregam os estigmas femininos e a necessidade de se unirem para enfrentar as adversidades impostas em seu cotidiano.

A situação de subordinação vivida pelas mulheres latino-americanas é, ainda, de resistência ao modelo androcêntrico, patriarcal e machista que vigorou (e ainda vigora) em nossa sociedade. Tais sistemas são responsáveis por opressões e desigualdades entre homens e mulheres sendo, também, representado nas artes, sobretudo na literatura, através de obras tipicamente escritas por homens e que descreviam – e ainda descrevem – as mulheres e as relações de gênero a partir de um ponto de vista masculino.

Fica possível perceber como os homens são influenciados pelo modelo patriarcal e criam conceitos diante da representatividade feminina. Quando se deparam com mulheres diferentes do perfil esperado, sua masculinidade fica abalada; dentro do romance, por exemplo, fica nítido que as mulheres não querem ser consideradas como a “outra”, sentem a necessidade de serem parceiras onde tudo acaba sendo dividido, implementando a igualdade entre gêneros.

Contudo, apesar dos avanços das correntes feministas e das batalhas e direitos alcançados pelo gênero feminino, a luta não teve fim e é diária. Os estigmas e preconceitos em relação à mulher estão enraizados de tal modo em nossas sociedades que os naturalizamos e nem percebemos. Na literatura, nas artes, na política, na educação, na vida, a mulher ainda é atrelada aos padrões e estereótipos que reprimem seu corpo, suas ações e sua existência. A literatura, neste sentido, funciona como a válvula de escape para a conscientização sobre a condição da mulher na sociedade, enquanto também traz a esperança da tão sonhada igualdade e liberdade do corpo e da alma feminina.

## REFERÊNCIAS

- ALAMBERT, Zuleika. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986.
- BALLESTEROS ROSAS, Luisa. **La femme écrivain dans la société latino-américaine. Préface de jean-paul duviols**. Paris, éditions l'harmattan, 1994.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1970.
- BRIZOTTO, Bruno; BERTUSSI, Lisana Teresinha. Hans Robert Jauss e a hermenêutica literária. **REVISTA LETRÔNICA, PORTO ALEGRE**, v. 6, n. 2, P. 735-752, jul./dez., 2013.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. Nova York: Routledge, 1990. Disponível em: [http://lauragonzalez.com/TC/BUTLER\\_gender\\_trouble.pdf](http://lauragonzalez.com/TC/BUTLER_gender_trouble.pdf). Acesso em: 21 nov. 2020.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 7. Ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecilia Maria. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. IN: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecilia Maria (orgs.). **O feminismo no brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: Ufba / Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a mulher, 2008.
- COSSI, Rafael Kalaf. Lacan e o feminismo francês: a história de uma (não) relação. **psicol. usp**, São Paulo, v. 31, e180043, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642020000100215](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642020000100215) Acesso em: 13 fev. 2021.
- COUTINHO, Sabine Mantuan dos Santos. **“A Dona de Tudo” – O que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações**. 2008. 415 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, Vitória/ES, 2008.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Ed. Elefante, 2017.
- FELSKI, Rita. **Literature after feminism**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- HÉRITIER Françoise, MONGIN Olivier, PADIS Marc-Olivier, PIZOIRD Alexandra et THÉRY Irène. **Privilège de la féminité et domination masculine: Entretien avec Françoise Héritier**, in *Esprit* (1940-), 273 (3/4), 2001, p. 77-95.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 6ª ed., 2019.
- LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MILLET, Kate. **Sexual politics**. New York: Ballantine books, 1970. Disponível em: <https://www.brown.edu/research/pembroke-center/sites/brown.edu.research.pembroke-center/files/uploads/Millett-Theory%20of%20Sexual%20Politics.pdf> Acesso em: 2 maio. 2021.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.**, v. 18, n. 1. Porto Alegre. jan/ abr. 2006. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100007&lng=pt&tlng=pt) Acesso em: 12 fev. 2021.

OLIVEIRA, Felipe Monteiro de.; NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida. Contos de Alice Munro sob a lente da ginocrítica. **IPOTESI, JUIZ DE FORA**, v. 24, n. 2, p. 42-52, jul./dez. 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99 1995.

SERRANO, Marcela. **O Albergue das Mulheres Tristes**. Trad. Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira. **Rev. Estud. Fem.** v. 14, n. 3, dez 2006.

SILVA, Jacicarla Souza da. **Panorama da Crítica Feminista: Tendência e Perspectivas**. **Patrimônio e Memória**, Cascavel, v. 4, n. 1, p. 84-103, 2008. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/100/488>. Acesso em: 25 jul. 2020.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tradução bia nunes de Souza, Glauco Matoso. 1 ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**, 1994. p. 23- 56.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.